

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

11 a 24 de Setembro de 2018 | Nº 169 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça •

.... Kz 50,00

Letras

Pág.
4



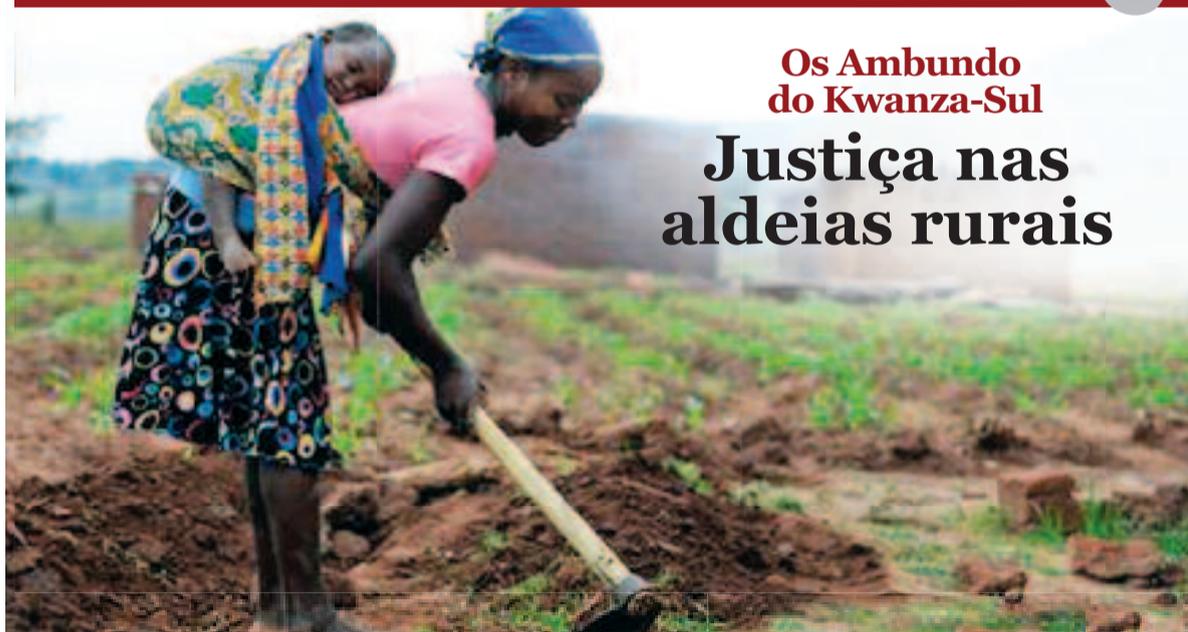
Almino Carlos

“Os nossos intelectuais estão adormecidos e acomodados”

HISTÓRIA

Pág.
12

Os Ambundo do Kwanza-Sul
Justiça nas aldeias rurais



GRAFITOS NA ALMA

Pág.
11

A UNESCO e o legado da escravidão



ARTES

Pág.
9

Banda Desenhada Evolução e (in)produtividade



Poema de Mário Pinto de Andrade



Mwimbu wa Sabalu

Monetu wa kasule
Amutumisa ku S. Tomé
Kexirie ni madukumentu
Aiwe!

Monetu wadidile
Mama wasalukile
Aiwe!
Amutumisa ku S. Tomé

Monetu wayi kya
Wayi mu pura ya
Aiwe!
Amutumisa ku S. Tomé

Monetu amubutu
Katena kumukuta
Aiwe!
Amutumisa ku S. Tomé

Monetu wolobanza
Oxiye onzo ye
Amutuma kukalakala
Olomutala, olomutala
— Mama, mwene wondovutuka
Ah! Ngongo yetu yondobiluka
Aiwe!
Amutumisa ku S. Tomé

Monetu kavutuke
Kalunga wamudye
Aiwe!
Amutumisa ku S. Tomé.

(Versão em kimbundo actualizada por Mário Pereira)

Canção de Sabalu

Nosso filho caçula/ Mandaram-no p'ra S.Tomé/ Não tinha documentos/ Aiué!//
Nosso filho chorou/ Mamã enlouqueceu/ Aiué!/ Mandaram-no p'ra S.Tomé// Nosso
filho já partiu/ Partiu no porão deles/ Aiué!/ Mandaram-no p'ra S.Tomé// Corta-
ram-lhe os cabelos// Não puderam amarrá-lo/ Aiué!/ Mandaram-no p'ra S.Tomé//
Nosso filho está a pensar/ Na sua terra, na sua casa/ Mandam-no trabalhar/ Estão a
mirá-lo, a mirá-lo/ - Mamã, ele há-de voltar/ Ah! A nossa sorte há-de virar/ Aiué!/
Mandaram-no p'ra S.Tomé// Nosso filho não voltou/ A morte levou-o/ Aiué!// Man-
daram-no p'ra S.Tomé

MÁRIO PINTO DE ANDRADE nasceu no Golungo Alto a 21 de Agosto de 1928, e faleceu a 26 de Agosto de 1990, em Londres. Estudou Filologia Clássica na Faculdade de Letras de Lisboa. Foi um incansável lutador pela independência de Angola, o que o levou a primeiro presidente do MPLA. Publicou *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (1958), *Amilcar Cabral: Essai de Biographie Politique* (1980), *As origens do Nacionalismo Africano* (1997), entre outros. Foi ainda Ministro da Cultura na Guiné-Bissau.

Normas editoriais

O jornal *Cultura* aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal *Cultura* assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | **Telefone geral (PBX):** 222 333 344
Fax: 222 336 073 | **Telegramas:** Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior
José Alberto Domingos
Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores Não Executivos

Olímpio de Sousa e Silva
Catarina Vieira Dias da Cunha

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 169/Ano VII/ 11 a 24 de Setembro de 2018
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editores:

Adriano de Melo e Gaspar Micoló

Secretária:

Ilda Rosa

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),
Adilson Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa
e Waldemar Jorge

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: António Quino, Beto Cambolo Baião, Hélder Simbad,
Lito Silva, Manuel Rui, Mário Pereira, Soberano Kanyanga, Vítor
Burity da Silva.

Cabo Verde: Domingos Landim de Barros

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha
Correio da Unesco, Modo de USAR & CO e Obvious Magazine

O contributo dos jovens cidadãos para o desenvolvimento e sustentabilidade das comunidades locais

A nossa reflexão tem como objectivo central, o contributo e o ideal de membro e sócio da arquitectura organizacional e funcional da polis, seja rural, urbana, peri-urbana ou mesmo "sectorial".



BETO CAMBOLO BAIÃO *



Há quem fale de conflitos de gerações, chegando a acusar alguns jovens de irresponsáveis e imediatistas, olvidando que todos os jovens são testemunhas do que receberam dos adultos: uma sociedade com raros valores sociais, políticos, educacionais, familiares e com uma profusa difusão de seitas enganosas que só querem extorquir dinheiro dos seus pobres crentes, etc.

Ser jovem tem sido nos tempos actuais uma aventura com vários traumas, desde o número de graduados sem empregos, por isso, tornam-se vítimas fáceis da droga, prostituição, tráfico humano para trabalhos forçados e de escravidão, sendo que vamos formando uma sociedade onde se apaga o sentido e finalidade da vida, da família e vai-se vivendo do imediato, ilusionismo e alienação do sonho de felicidade prazerosa!

QUE FAZER?

Há que ser criativos e não se deixar morar nas curvas do abismo nem da

procura dos algozes ou dos fragmentos do passado que jamais será! É preciso buscar a partir dos retalhos do bem, da criatividade e da arquitectura do bem comum, valências que se pode recomençar sempre com voluntariado e cooperação mútua o ideal de sociedade que produz, transforma e distribui.

Anossa reflexão tem como objectivo principal, o panegírico do contributo da juventude enquanto membro da polis (cidade, sociedade ou então comunidade), espaço onde ela realiza e manifesta a sua presença na organização da mesma. No conflito de gerações, a juventude é vista como franja irresponsável, imediatista e sem contributo social. O jovem cidadão é aquele que coopera na organização da sociedade sólida e auspiciosa. Participa na resolução dos problemas da comunidade e reflecte sobre ela. O jovem cidadão africano angolano, não está ausente desta realidade. Ele contribui moral, academica, tecnica, religiosa, profissional e politicamente para o desenvolvi-

mento e a sustentabilidade da comunidade onde ele mesmo está inserido. Este jovem enquanto quadro local, merece uma atenção urgente para que contribua arduamente para o desenvolvimento da comunidade e saiba buscar na sua cogitação as ferramentas necessárias para a sua sustentabilidade.

COMO DESENVOLVER UMA COMUNIDADE?

Quem deve, com que critérios, contributos? Qual é a visão que têm os gestores dos recursos humanos no que tange aos quadros locais? Quantos aos desafios da nova sociedade africana angolana, qual é o impacto da juventude como cidadã? O seu contributo no desenvolvimento e sustentabilidade das comunidades locais, é visível? Jovem: quem é ele? Quem é o cidadão Com o surgimento de várias escolas, centros profissionais e universidades, vários são os jovens que têm apostado na formação, técnico-profissional e humana para a edificação de uma co-

munidade desenvolvida. O jovem cidadão é aquele que participa na organização da polis e na concepção de estratégias que favorecem o desenvolvimento comunitário. O associativismo juvenil é hoje um contributo visível dos jovens cidadãos angolanos. Para tal, é urgente que se olhe e valorize a juventude como a força motriz das novas comunidades.

Desenvolve-se uma comunidade com os recursos humanos e outros que, unidos, vão favorecer a sustentabilidade da mesma. Deve contribuir no progresso da comunidade, todo o homem-cidadão que saiba esforçar-se com a sua sabedoria e técnica. É importante que se considere o quadro local, para que haja progresso na comunidade e se reduza o índice de desemprego e a crise económica. O jovem cidadão aposta na mudança da comunidade com acções fecundas e hodiernamente isto é notório.

Durante tempos imemoriais, a delinquência juvenil era a dialéctica da vida e debate permanente. Será apenas a juventude a franja mais desorientada da sociedade? Alguém presta atenção a ela? A irresponsabilidade é apenas característica da juventude ou é o resultado do conflito entre gerações?

Até um certo momento, alguns afirmavam que sim. Mas hoje a juventude angolana tem um contributo fértil nas novas comunidades locais. Dos vários eventos realizados neste país, há sempre uma mão juvenil, é negativo quando se afirma categoricamente a irresponsabilidade destes, pois tudo na vida tem uma causa primeira, um pressuposto.

* albertobaiiao@gmail.com

Alberto Cambolo Ngonga Baião é pesquisador, palestrante e poeta. É formado em Filosofia pelo Seminário Maior Diocesano de São Paulo-Uíje. Autor dos livros "A Importância do Perdão na Resolução de Conflitos para o Homem Hodierno" e "Gritos da Alma". Conta com participações em distintas conferências nacionais e publicou em várias Antologias Internacionais da Comunidade Lusófona. Tem, também, vários artigos publicados em Jornais e Revistas Nacionais e Internacionais. É Membro da Associação dos Jovens Amigos da Literatura. Frequenta, actualmente, o Curso de Pedagogia na Escola Politécnica do Cuango, da Universidade Lueji A Nkonde, na Lunda Norte. Nasceu no dia 21 de Julho de 1989, no Cuango – Lunda Norte.

Albino Carlos

“Os nossos intelectuais estão adormecidos e acomodados”

ADRIANO DE MELO |

“O escritor deve ter a preocupação de colocar o país a pensar e a questionar-se para melhor compreender-se a si próprio. Neste quesito, sinto que os nossos intelectuais estão adormecidos e acomodados. A principal missão de um escritor ou intelectual deve ser incomodar a sociedade, sacudir e arejar as mentes empoeiradas”, disse Albino Carlos, que acaba de colocar no mercado *Caça às Bruxas*.

O *Jornal Cultura* fez uma entrevista com o escritor e jornalista, para saber quais as razões para adaptar à literatura o drama das pessoas acusadas de feitiçaria. Musseques, bairros e comunidades. A vida nestes locais e a maneira de interagir dos seus habitantes parece ser a marca registada na maioria dos livros de Albino Carlos.

Albino Carlos disse que, ao conferir voz e vez aos sujeitos dos musseques, pretende “não só mostrar as tradições, as crenças e os costumes dos angolanos, mas também as dores do sacrifício de uma sociedade à procura da inocência da utopia perdida.” Para Albino, a independência não resolveu muitos problemas que afligem os angolanos e muito menos a democracia. “A nossa

construção de sentidos de vida, pois, diz Albino Carlos, “natextologiatradicionalangolanadesobre-se filamentos de religiosidade e filosofias de vivências. Com “Caças às bruxas” explorei as milhentas potencialidades e possibilidades da oralidade africana no sentido de conferir realismo dramático-mágico às cenas e situações. Eu quis demonstrar que podemos usar outros registos narrativos para contar histórias e construir sentidos.”

Nem sempre é fácil explorar as idiosincrasias de uma região ou comunidade e descrevê-las em livro. Trata-se de tarefa complexa, pois que “escrever é sempre um parto difícil. A mensagem de “Caças às bruxas” e de “Issunje” é clara: temos que promover um verdadeiro processo colectivo de desmistificação de muitas das nossas crenças, superstições e tradições, sem que isso signifique derrubar os nossos mitos fundacionais. Ou seja, conquistada a reconciliação nacional ao nível político e obtido o silenciamento das armas, agora urge intentar um processo de reconciliação com os nossos deuses e ancestrais, urge promover um processo colectivo de expiação dos pecados e pacificação dos espíritos. Há muitos fantasmas que ensombram o destino de Angola e dos angolanos.”



globalização é uma janela de oportunidades que se abre para potenciar a espírito criativo e o empreendedorismo dos nossos jovens. Advogo o diálogo permanente entre o tradicional e o moderno, entre o local e o global, ou seja, a cultura angolana não deve ser pensada como oposição à globalização, mas como expressão da cultura universal.”

Para o autor de *Caça às Bruxas*, o sucesso internacional do kuduro e da ki-

mos ocupar outros lugares simbólicos no concerto das nações.”

PAPELO ESCRITOR

Os escritores desempenham um papel importante no processo de definição e criação das materialidades simbólicas da nossa forma de ser e estar no mundo, destaca Albino Carlos. “Sendo que as nações diferenciam-se pelos modos como são imaginadas e narradas o seu percurso histórico, os escritores devem participar activamente do desafio de Angola e criar a sua própria singularidade cultural e identitária, uma identidade nacional sempre renovada e em permanente interacção com as variações da sensibilidade artística própria dos contextos actuais.

Segundo Albino, o escritor deve ter a preocupação de colocar o país a pensar e a questionar-se para melhor compreender-se a si próprio. “Neste quesito, sinto que os nossos intelectuais estão adormecidos e acomodados. A principal missão de um escritor ou intelectual deve ser incomodar a sociedade, sacudir e arejar as mentes empoeiradas.”

Aos jovens escritores, além de terem de ler muito, Albino Carlos acredita que ler é a melhor forma de se enveredar para o mundo da literatura. “Sou fundamentalmente um leitor.

LIVRO E LEITURA

Albino Carlos considera que “o livro é escandalosamente caro e raro em Angola. Não há incentivos nenhuns. Nem os escritores vivem dos livros e muito menos os livros são acessíveis. Se Luanda tem, nove-fora o exagero, meia dúzia de livrarias, meia dezena de bibliotecas e uns poucos cinemas e teatros, o que dizer das restantes províncias? O mais assustador é que essa calamitosa situação não tira o sono aos políticos nem a quem de direito. Definitivamente, a criação artística e a promoção da identidade nacional têm de morar no discurso político e, sobretudo, têm de estar reflectidas no pensamento e na acção dos políticos e dos servidores públicos”, defende Albino.

Quanto ao seu novo livro, “Caça às Bruxas”, o autor acredita que houve a associação do cidadão, do escritor, do jornalista e do professor no sentido de colocar o país a reflectir sobre a sua situação no mundo. O romance é uma paródia feita aos mitos, crenças e costumes antigos e modernos que perturbam os nossos sonhos.

“A problemática da feitiçaria e das crenças é um assunto do mais alto interesse nacional. Urge envolver no processo, o Estado, as universidades, os intelectuais, a sociedade civil e as autoridades e comunidades tradicionais.”



sociedade está pejada de pobres almas cujas esperanças frustra-lhes os anseios de vida.”

ORALIDADE

A oralidade tem uma presença regular nos seus textos. Este fascínio pelo linguajar da rua, pelo cancionero popular, assenta na expressão da singularidade cultural dos povos de Angola, na relação com o outro, e também expressa a universalidade do processo de

GLOBALIZAÇÃO

Dentro do conceito de um mundo globalizado, no qual tendemos a viver, graças a aproximação criada pela Internet, pode a oralidade ainda ser preservada por muitos anos, sem ser adulterada? A esta questão, Albino Carlos é peremptório em afirmar que “não temos que ter medo da globalização. Caso se invista à serio na educação e no ensino de qualidade, caso se aposte sério na indústria cultural e criativa, a

zomba mostra que a relação entre a identidade local e identidade global assume um carácter de complementaridade, bem como de negociações e disputas de sentidos no quadro da globalização. “Ao universalismo uniformizante da globalização devemos contrapor com a capacidade de criatividade estética das identidades nacionais capazes de se constituir como experiências dinâmicas de reflexão da nossa cultura de modo que possa-

Duas das ideias doxográficas explícitas no artigo «Crítica Literária e Conhecimento» de João Adalberto Campato Jr.

Com uma exposição de mais de cem obras, entre caricaturas, ilustrações e Banda Desenhada (BD), de 43 artistas angolanos e estrangeiros, a 15.ª edição do Festival Internacional de Banda Desenhada e Animação (Luanda Cartoon) deixou mais uma vez em evidência o talento dos criadores angolanos.



HÉLDER SIMBAD

«CRÍTICA LITERÁRIA E CONHECIMENTO», um artigo com pretensões teóricas que, apesar de belo tal uma prosa poética, se situa no espaço gnosiológico do idealismo teórico-literário. É seguramente dos textos que, nos últimos dias, mais reservas me causou, por propagar uma série de sentenças abstractas, filiadas teoricamente no pós-estruturalismo e na escola de Constança de Jausser e Iser. Dentre as várias suposições doxográficas que dele pode se depreender, elegi duas:

1ª NILISMO MÁGICO: movido pela «estética da recepção», acredita que a «qualidade», em literatura, é um ente mágico e volátil, que nasce dos olhos do leitor e afirma falaciosamente que, «o livro julgado bom por uma população de certa região africana não deve ter, necessariamente, a mesma recepção por europeus ocidentais ou por moradores dos Estados Unidos ou do sul da América do Sul ou do sudeste da Ásia e vice-versa.»

– A literatura, como uma construção humana, é um campo do domínio da Antropologia, pelo que toda obra literária é consequentemente uma produção cultural. Hoje, as sociedades têm mecanismos mais do que suficientes para se puderem estudar mutuamente.

– A leitura pressupõe um conflito dialético entre o conhecimento prévio e o conhecimento a ser obtido. Ninguém devia enfrentar uma obra sem antes estar munido de conhecimentos que permitam a sua transcodificação. Isto implicaria competência linguística, domínio das poéticas e conhecimento cultural. Quando não os tem, muna-se e depois volte a enfrentar a obra, pois a literatura situa-se também entre o espaço estético e o cultural.

– Um livro não pode ser catalogado como bom ou mau porque o leitor assim o quer ou porque é incapaz de o interpretar os códigos certos e sim porque o é. A qualidade é uma matéria intrínseca à obra, fazendo parte da sua dimensão ontológica, e não uma propriedade fantasmagórica que, num passo de magia, surge, desaparece e ressurgir ciclicamente.

– Os grandes clássicos da literatura europeia, americana e asiática gozam de simpatia por parte do leitor africa-



no porque este é indubitavelmente mais receptível e aberto a produções culturais externas, por força das circunstâncias históricas, maior grau de aculturação, dentre outros factores político-culturais. O inverso não acontece por questões simplórias e medo do outro, disfarçadas com políticas culturais selectivas (?).

– E por fim, essa tese, baseada seguramente nos ensinamentos de Hans Robert Jausser, é impugnada quando o próprio João Adalberto Campato Jr postula, referindo-se aos aspectos relacionados a uma «boa crítica», no ponto 9 do seu artigo, que o crítico deve «fugir de posturas etnocêntricas». A qualidade dum obra não altera; são os leitores que precisam decifrar as obras com códigos apropriados.

2ª A INEVITABILIDADE DE UMA CRÍTICA OBJECTIVA E A CRÍTICA METAFÍSICA-IDEALISTA: A «verdade» é o fim último de qualquer filosofia e a crítica literária não passaria de um discurso filosófico-racional alicerçado na Teoria da Literatura e demais áreas afins (antropologia, sociologia, psicologia etc), voltado para um facto literário que exija o exercício. Entretanto, João Adalberto Campato Jr, a partir da «doxa», lugar preferido de Derrida e seus símiles pós-estruturalistas, aos

quais recorreu para fundamentação teórica, informa que, na verdade, o «verdadeiro» pode ser passageiro:

«Uma crítica literária que objectiva ser arejada, válida, honesta, ética, deve, tanto quanto possível, partir do pressuposto nuclear de que o “verdadeiro” em crítica literária é não mais que provisório, passageiro e relativo. Não poderia ser de outro modo quando a subjectividade do crítico literário – sujeito do conhecimento – actua de forma decisiva no material a ser conhecido».

– Nem mesmo com o termo «relativo» concordaria de imediato, referindo à crítica literária. Fosse talvez outra leitura. As obras, por vezes, impõem múltiplas interpretações. Ademais, toda a obra literária é passível de ser abordada a partir de diferentes ângulos e o crítico objectivamente atém-se ao que se lhe afigura como criticável. Por isso surgem os conceitos de Psicocrítica, sociocrítica dentre outros procedimentos analíticos. Por isso, para se evitar equívocos comprometedores, requer-se paciência e leitura detalhista para uma abordagem mais global que tende a alcançar a objectividade por força de demonstrações ou de correlações entre os termos literários pré-existentes, teorias e as obras. Por isso existem as definições, os con-

ceitos, os termos, as classificações etc.

– Se uma crítica, outrora verdadeira, se converte num texto acrítico, nunca foi crítica literária in strictu sensu. Tratar-se-ia, na verdade, de um texto possivelmente com contaminações doxográfica, ideológica ou moralista. O subjetivismo, na crítica, como impasse para o alcance da objectividade constitui uma falácia e refere-se a uma interpretação sensitiva dos factos literários baseada em ideias irracionais e acientíficas. O que se quer é indubitavelmente uma crítica que obedeça a critérios científicos. Não há crítica literária sem demonstração. A demonstração processa-se por via de suposições ou sentenças que podem ser extraídas da obra e se processam correlacionando-se termos pré-existentes com as ideias formalmente objectivadas na obra literária. Por exemplo, se digo que o texto «y» é um soneto, tenho de demonstrar que este se compõe de duas quadras e dois tercetos. Se digo que determinado narrador é autodiegético devo comprovar com excertos da obra, que este narra na primeira pessoa e é efectivamente personagem principal. Os conceitos de soneto e de narrador autodiegético não são entidades historicamente variáveis.

– Se me apresentar a plurissignificação como um factor de subjectividade, impugnarei ainda assim. A plurissignificação não pressupõe uma infinidade de interpretações de um mesmo facto literário. Existem verbos próprios para se referir sobre este fenómeno estético e de leitura. Quando assim ocorre, os verbos devem exprimir possibilidades e não expressar ideias dogmáticas. Logo. Ainda se torna possível falar de objectividade.

– Um crítico que alude categoricamente a «crítica literária» como um produto da subjectividade humana está a perigar a sua própria instituição.

– O crítico não é aquele que actua subjectivamente; e sim aquele que enfrenta os factos literários dialeticamente, opera racionalmente, encarando materialmente os fenómenos através de procedimentos científicos, como sugeriria Maestro (2017) em «Crítica da Razão Literária: O Materialismo Filosófico como Teoria, Crítica e Dialética da Literatura.»

Jisabu ja Kakalunga provérbios de Kakalunga



MÁRIO PEREIRA

1.- Kubutumune malamba ma ngongo ni kudibota kwa makutu. 1.- Não aumente as desgraças do mundo com mentiras. 2.- Ombote ayibanga ni muxima wazele. 2.- O bem é feito com o coração puro. 3.- Kuximbe kima kyabange mukwenu, mbata kimokyo kitena kubulula ngongo. 3.- Não ignore o que outra pessoa faz, pois tal coisa pode salvar o mundo. 4.- Kukyele kyenyeke, nda utene kwijiya difula dya mwenyu. 4.- Não perca a manhã desta maneira, para que possa conhecer o sabor da vida. 5.- Kukya kwavundu uswamesa ifumbe. 5.- A madrugada escura faz esconder os assaltantes. (a escuridão tem más companhias). 6.- Kukya ulenga ni utudilu wa mwanya. 6.- A madrugada foge com a chegada do sol. (dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço). 7.- Kukya umonekisa o kizwa. 7.- O nascer do sol faz aparecer o dia. (não há nada que perdure). 8.- Mu kukya oso andala kumona mwanya. 8.- À madrugada todos querem ver o sol. 9.- Kuma kwavundu uswamesa jinguma. 9.- O tempo escuro faz esconder os inimigos. 10.- Okimbyambila uzeka mu mwanya anga utona ngo mu usuku. 10.- O morcego dorme de dia e acorda apenas à noite.

11.- Woso wala ni mayombola ku mukutu ulembwa kuzeka mu usuku. 11.- Quem tem magia no corpo não consegue dormir de noite. (a superstição é um mal que deve ser banido). 12.- Hungila okudya kwe, nda utene kwivila kyambote o difula dye dyawaba. 12.- Tempera a tua comida, para que possas sentir a preceito o seu gostoso



sabor. 13.- Kuximbula kudya kyene kimoxi ni kuximbula kuzola. 13.- Temperar a comida é o mesmo que temperar o amor. 14.- Muthu wasondoloka mu mvunda ya ufolo, amumona mu polo. 14.- Quem se destacou na luta da liberdade, vê-se no

rostro. 15.- Kusondolole o kuzola kwa nguma ye, ki akulunge. 15.- Não destaca o amor do teu inimigo, para que não te vença. 16.- Kuzenze kikwame-nu kya nguma ye mu kaxi ka mvunda, ki ukujibe. 16.- Não trata da ferida do teu inimigo no meio da luta, para que não te mate. 17.- Zenza okuzola kwe, nda utambule omuxima we. 17.- Zela pelo teu amor, para que possas receber o seu coração. 18.- Zenzenu mukwenu wezala malamba, nda ukale mukwijiya odizumba dya ukamba. 18.- Acarinhai quem está pleno de desgraças, para que fique a conhecer o odor da amizade. 19.- Kuzenza kibandu ni masa, kilongolola kubandulula kwa mvula. 19.- Encher o balaio com milho significa aproveitamento da chuva. 20.- Kuzenze menya mavulu, ki ufwe. 20.- Não absorvas tanta água, para que não morras. 21.- Kuzenzela divumu ni kudya ki kyene kimoxi ni kudisanza. 21.- Avolumar a barriga com comida não é o mesmo que estar saudável. 22.- O uholwa uzenzesa mukuthu wa muthu. 22.- A bebedeira faz inchar o corpo de uma pessoa. 23.- Mutu wazediwa una amuzenza. 23.- Uma pessoa feliz é aquela que é acarinhada. 24.- Muthu uzenzumuna ulembwa kuzenza mukwenu. 24.-

Uma pessoa que se desanima não consegue acarinhar outrem. 25.- Kulembwa kuzenzela akwenu, kikola. 25.- É ruim não conseguir animar outrem. 26.- Butisa jinjinda je, ni ukale ni polo ya muthu wambote. 26.- Diminui a tua ira, para que tenhas cara de pessoa de bem. 27.- Kubutumuna malamba uzukamesa kalunga. 27.- Exceder a desgraça faz aproximar a morte. 28.- Kubutumune kizembu, nda ukale mu wembu. 28.- Não exceda o ódio, para que esteja na paz. 29.- Kubutisa wembu uvudisa kizembu. 29.- Fazer encurtar a paz faz crescer o ódio. 30.- Kuvulumwisa mwenyu uzukamesa divwa. 30.- Fazer diminuir a vida faz aproximar a desgraça. 31.- Muthu wabindama katene kusanga o kuzediwa kwe. 31.- Uma pessoa infeliz não pode encontrar a sua felicidade. 32.- Woso udikumbulula ni akwenu uyukisa ngongo. 32.- Quem se corresponde com os outros faz com que o mundo melhore. 33.- Muthu umoxi ulenga mukayedi we ngo. 33.- Uma pessoa só foge de quem o persegue. 34.- Mwangana kuzola kwene kizembu kikala. 34.- Espalha amor onde o ódio se instala. 35.- Omukume twafwama tumulenduka. 35.- Devemos perdoar a um pecador.



Nambi ko Ekovongo



SOBERANO KANYANGA

- Mano André, "nó" serve "ansim". Todas as partes boas da galinha é p'ra ti e os outros, que até contribuíram no óbito, vão se lambar só nos dedos e partir ossos? Na hora da contribuição ainda o mano estava a se esconder entre as mulheres, a fingir lágrimas que não vimos. - Desabafou audível a prima Miquilina que fora avisada por uma sobrinha sobre o comportamento incivilizado de um tio.

Ekovongo é a aldeia mãe do Kwitu, capital do Vye (olongombe vye). Dizem que "o branco, quando veio do Putu, com Silva (do) Porto à cabeça, primeiro ficou no Ekovongo e depois é que foi para a urbanidade criada pelo Silva".

A embala estava em óbito. Pessoa grande, de respeito na aldeia, na "kaci-

dade" de Kwitu e na "kicidade" de Loanda, onde quem lá brilha, na em-bala é tipo sol.

O finado Ekofika fez-se homem entre Ekovongo, missão de Kamundongo onde estudou bem, Kwitu onde trabalhou e Loanda onde se reformou a constituiu bens. Mas o óbito foi levado mesmo (pela menos na imaginação) à aldeia natal.

Partiu numa terça-feira de sol envergonhado, depois de muito bregar para adiar a morte. Filhos, sobrinhos, primos, amigos de todos os tempos, todos procuraram tê-lo mais tempo em vida e, por isso, ajudaram nas contribuições. Ekofika foi buscar saúde ao estrangeiro, à faca se submeteu, mas, em vão. Pariu mesmo.

- Quando Jesus te chama, você pode mesmo ir "no" melhor professor dos médicos, os anjos não te largam. - Dizia-se eufemisticamente para aliviar a dor dos filhos e da família próxima.

- Mas o mano Ekofika combateu um bom combate. Assim, a oração "venha agora o teu reino e seja feita a tua vontade", que temos orando na IECA, foi mesmo cumprida. - Desabafou outro presente também condoído.

Mano André, do prato cheio, estava ainda calado, quando essas cenas todas começaram a ser narradas. Para ele, trabalho no óbito era apenas controlar a logística e encher a pança de boa cabidela e bom vinho.

- Comigo, é médico mesmo que me disse, vinho só tinto de garrafa. Pacote "nó" entra, nem "ngalinha" da loja. - Dizia, a mostrar os dentes todos na boca.

Se cá fora eram tertúlias, contribuições para alimentar e dar de beber às visitas, lá dentro, com a coitada da viúva, também havia trabalho. As civendji (tchivendji), senhoras que fazem companhia à viúva, tinham a missão de a distrair e com ela chorarem à chegada

de um familiar próximo ou amigo importante do de cujus. Imaginavam momentos passados com o falecido Ekofika, para puxar compaixão e lágrimas, e atiravam uma expressão de todos conhecida.

- E agora, mano fulano, o Ekofika nos deixou. Twasala ulika!

Outras civendji que não tinham convivido o suficiente com o finado recordavam seus entes partidos há muito e soltavam, à memória, choros acompanhados, às vezes, de lágrimas fartas. Ser civendji não é "fáci", diria a minha sogra Buenos Aires.

Ao sétimo dia, as civendji são libertadas, em parte. Confinadas ao quarto da viúva, durante aquele período, são finalmente alimentadas abundantemente. Servem-lhes, por isso, bebidas e carne (aquela que sobra dos comensais, não restos, não senhor!), dão-se-lhes passagem e se dispersam, ficando apenas duas ou três, as mais chegadas

à viúva, para fazer-lhe companhia nos dias vindouros, até se colocar perante facto consumado e se reerguer para a nova vida sem o companheiro.

Segue-se a reunião familiar. Filhos de todas as "cavalarias" são chamados a participar. Quem não estiver, "ngongo yaye". Descreve-se aos participantes o ambiente que circunscreveu e levou à morte o finado, no caso o mano Ekofika. Contam-se os bens materiais e imateriais produzidos (com sua ndona) e deixados pelo de cujus. Enumeram-se as dívidas contraídas e por saldar. Os credores são chamados para se pronunciarem e reclamarem dos haveres. Uns preferem perdoar os valores ou bens por receber. Às vezes, até mesmo o adversário inveterado faz-se amigo. Acabou o campeonato! Apresentam-se as contribuições recebidas para os gastos durante o nojo, sobras, etc. É assim no Ekovongo. É assim entre os ovimbundu.



Ter de esperar pelo fim do dia

A espuma esvoaça a tarde quente desta cidade adormecida no trânsito. Sinto o odor efémero das quimeras vendidas ao avulso pelos cantos perdidos do tempo, da noite que se espera descansada e nada, é tão cedo ainda que desespero pelo som dos abutres subindo penhascos verdes onde tudo está seco.

Nada me revolta a não ser ter de esperar pelo fim do dia. Pretendia sonhar um pouco mais depressa que o que me permite a idade, dizer que a idade para sonhar terminou, o tempo urge e nada mais há a fazer a não ser sentar-me diante de um mar que se espreme contra os meus pés descansados na areia que viaja sob as águas brancas.

Bebo algo descansado, a tarde paira ainda na silhueta breve da vida e a

gente ali, observando distantes a solidão dos viajantes da vida enquanto for ainda tempo de reanimar os sargaços descalços.

As avenidas enchem-se cada vez mais de tantos que como eu desistem, descansam cansados de tanto esperar e nada os aborrece a não ser estarem já aborrecidos pelo vento que não chega, nada chega, nada, é como que olhar em frente e nada mais existir e o desespero inerte no alcatrão quente que arde como vômitos.

Voltando à espuma, esvoaça ainda, nada a convence a dissipar-se e a libertar-nos espaço para que possamos caminhar ainda que devagar, esquecer a pressa e seguir onde quem nos quer espera, nada ali é real, nada parece uma fotografia tirada do olimpo enquanto o encenador convence a peça,

nada se converte em vida e tudo é híbrido, vazio de tanta rebelião a ocupar-nos o cérebro de vertigens onde que alucinações se cansam, nada viaja para dentro deste riacho de pedra a eclodir-se sozinho contra si mesmo, a gente espera impaciente e nada cansa, tudo é hábito, dizem, mas para que servem os exemplos quando o que se extrai dali é o que na verdade se vive?

Não existem poetas de rua, vêm-se apenas vértices a circular o hediondo, o trémulo do nada nas mãos de todos, a esperança esvaída nas ruas secas e o pó das estradas em nossas casas e ainda eu longe numa praia asiática sorvendo pensamento consumidos pela espera. Não sei se conseguirei como tantos esperar mais, não sei se aguentarei a vomitar tantas tardes sem descanso, mas sinto a brisa nascer de um



VÍTOR BURITY DA SILVA

canto qualquer iluminando-me a paciência, pois, é claro, sinto a falta dos poetas da rua contarem-me heresias de Camões, o grito afoito onde Gil Vicente sorria, a peça a iniciar-se e eu nada dali, nem um ramo de castos dançantes sobre as palmeiras adormecidas e tão cedo ainda, cedo para tudo, sabes?, é cedo para morrer e a gente a viver os percalços de passos titubeantes sobre a esfera adormecida da vida dos outros sobre nós mesmos.

Ter de esperar pelo fim do dia ali, onde fungos voam como goivos, onde plantas crescem como ciprestes azuis, como folhas de vinho numa taça dançante dominando-nos sem que sequer nos apercebamos. O velho da horta em mil quinhentos e doze e a gente sentado numa plateia de esperanças, vendo desmoronar-se o tédio enquanto tudo nos faça pensar com sagacidade o quanto vale seguir em frente, descer catacumbas de esperança ocupando a rampa numa velocidade de arrepiar, a escadas do meu quintal onde que praia as minhas ânsias, ler o um jornal desfolhando cada página como se fosse a última!, recuando para perceber melhor a notícia, o poema envaidecendo-se a si mesmo numa rima de sonhos e de tempo sem tempo nenhum para o que quer que seja.

Poemas

de Dom Afonso de Sá

Para te Saudar

Queria escrever – te um poema
de saudades.
saudades, dos encontros
à beira da lagoa de S. Pedro
em noites de serão...

Queria escrever – te um poema
que te recordasse o areal quente
do caminho,
onde tantas vezes passámos
descalços,
e agrilhoados...

Para que oferecesses
aos miúdos negros
do bairro escuro,
outro à lavadeira branca
e, ao mestiço dos becos ácidos
do cazengamusseque

Queria escrever – te um poema
com a cicatriz que trago
da longa caminhada,

com os olhos cansados,
cansados na distância
dos caminhos tortuosos

Queria escrever – te um poema
com a certeza que trazemos
entranhada da sagrada esperança...

Queria escrever – te um poema
dos dias que se pintam
com pés- descalços,
inchados de tristeza.

Luanda, 15 de Outubro de 2003

À minha filha

São para ti,
Esses versos
bordados com pétalas
da poesia africana
são para ti,
são para o dia do teu aniversário!...

Os versos com costuras de pano
versos agudo,
versos aromados
com sorriso teus

versos narcóticos
da poesia maiúscula
subscrita no amanhecer do sol...

São para ti!...
de cor e sorrisos

São para ti,
são para o dia do teu aniversário!...

Com carinho auroral!...

Saudades

Sinto saudades,
Ah! Talvez, só um instante...
E porque não?
Relembrar
os velhos tempos da nossa infância
os caminhos desconhecidos que
palmilhamos,
dos amigos que n'Eles en-
contra
mos...

Lembras – te?
dos ritmos quentes
do batuque
à volta da fogueira
dos bailes
no kudissanga
em noites de luar,
e das cartas
de amor, daquele
tempo!

(...)

Lembras – te?

da triste poesia
do contratado,
e, dos batuques
que tocámos
com os pés
entristecidos
na distância
dos caminhos

Lembras – te?

Dom Afonso de Sá
Coordenador do Núcleo
LEV' ARTE - Luanda



Banda Desenhada entre a evolução e a falta de produção

Com uma exposição de mais de cem obras, entre caricaturas, ilustrações e Banda Desenhada (BD), de 43 artistas angolanos e estrangeiros, a 15.ª edição do Festival Internacional de Banda Desenhada e Animação (Luanda Cartoon) deixou mais uma vez em evidência o talento dos criadores angolanos.

GASPAR MICOLO

Além do Centro Cultural Português, a mostra e as actividades, que encerraram a 31 de Agosto, estiveram igualmente patentes na Casa de Cultura do Rangel e no Estúdio Olindomar; é que as mais de mil e quinhentas obras que chegaram à organização obrigaram a alargar o festival para três salas. Dos mil cartoonistas inscritos, na sua maioria jovens, apenas 40 puderam representar as suas obras no Camões, enquanto os restantes



expuseram nas duas novas salas abertas pela primeira vez.

Com o objectivo de provocar uma reflexão alargada sobre a Banda Desenhada no país, descobrir novos talentos, conquistar novos leitores, animar o intercâmbio entre artistas nacionais e estrangeiros, o Festival acabou por ser um verdadeiro palco da evolução da qualidade do trabalho apresentado pelos artistas nacionais e do aumento de público. "Estamos muito felizes porque percebemos que cada vez mais o nosso público demonstra interesse pelo desenho", regozija-se Lindomar de Sousa que, ao lado do irmão Olímpio de Sousa, promove o evento desde 2003 e que se tornou único do género em Angola, além de ser um evento de referência na banda desenhada da África Austral, e o mais importante dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

O cartoonista Júlio Pinto revelou-se igualmente feliz com a aderência do público. Autor da obra "Eles ainda Cantam", em exposição, o artista junta-se ao coro dos seus colegas que pedem mais apoios para a produção de obras, com a finalidade de incentivar a criatividade dos novos talentos. "Temos muitos talentos, mas temos

tidos muitas dificuldades para a produção de obras, factor que constitui um obstáculo ao crescimento da banda desenhada".

A visível qualidade nos trabalhos de Laudo Pereira, Luís Airosa, Braulio Cole, Deban, Júlio, Isabel, Casimiro, Jacob Lopes, Tchê Gougel, Lindomar de Sousa, Pedro Tchivinda, Tim, Calles Bossas, Nelson Paim e André Diniz, entre outros, não deixou dúvidas a quem visitou as exposições: é chegado o momento de se apostar na produção de livros de Banda Desenhada.

E o experiente Lindomar de Sousa não perde a oportunidade e faz o seu manifesto: "O estado da banda desenhada é este: há muitos talentos e pouca produção, porque é muito difícil produzir obras aqui em Angola. Já seria o momento de produzir mais livros de Banda Desenhada!".

O cartoonista mostrou-se preocupado com o aumento do número de jovens cartoonistas que não conseguem publicar as suas produções e revela ainda ser estranho haver poucos livros ilustrativos no mercado angolano. Artista premiado no país e no estrangeiro, Lindomar de Sousa entende que o banda desenhista é o filho órfão da literatura e da arte plástica, ou seja, "é um filho bastardo das letras e do desenho porque além da pintura há a presença do texto". Os artistas estrangeiros convidados não deixaram de reconhecer o potencial criativo dos jovens criadores angolanos.

O artista brasileiro André Diniz, que apresentou "Malditos Amigos" e "Olimpo Tropical", que retratam questões relacionadas com a depressão nas grandes cidades como São Paulo (Brasil) e a delinquência, respectivamente, enalteceu a capacidade artística dos novos talentos angolanos. "Estou feliz por cá estar, pois serve para interagir com os criadores angolanos. Este evento vai contribuir para o crescimento da banda desenhada em Angola".

Enquanto isso, Weberson Santiago, também de nacionalidade brasileira, admitiu o empenho dos jovens e aconselhou-os a engajarem-se mais para o alcance da qualidade nos seus trabalhos. "Sinto-me satisfeito com a qualidade dos trabalhos dos criadores angolanos, o que representa, de certo modo, o empenho dos fazedores da banda desenhada no seu todo", destacou o artista brasileiro. Além dos cartoonistas brasileiros, o congolês democrático, Jeremie Nsing, também foi um dos grandes convidados do even-



FESTIVAL INTERNACIONAL DE BANDA DESENHADA E ANIMAÇÃO
LUANDA CARTOON DE 24 - 31 DE AGOSTO DE 2018
CAMÕES / CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS

to, e apresentou duas obras que retratam o conflito entre os géneros, através das palavras e da exploração de mulheres. O artista avançou que sempre almejou participar no Luanda Cartoon, por se tratar de um festival de carácter internacional, de referência na região da África Austral, estando este entre os mais cotados.

Entretanto, logo depois do arranque do evento ficou-se a saber que a organização estava de luto. Osvaldo Bala (Vavá), um dos impulsionadores do certame, foi sepultado no dia da abertura do Luanda Cartoon. "Estamos extremamente arrasados com o facto, mas como o festival não é só nosso, tivemos que reunir forças para

prosseguir. Acreditamos que ele também faria o mesmo. Deste modo, estamos a fazer o festival neste dia de tristeza, mas não deixa de ser uma festa", enfatizou Lindomar de Sousa, director do evento que, na sua 15.ª edição, presta ainda uma homenagem à moda, um tributo que se deve a sua constante ligação à Banda Desenhada por meio das obras que retratam várias épocas. "Os artistas quando fazem os seus trabalhos, muitas vezes com temas que reflectem uma determinada época e a moda, sempre estiveram ligados a isso. Por exemplo, um trabalho que retrata os anos 80 é impossível fazer-se sem ilustrar a tendência da moda desta época".

Correntes descritas (2018)

tema: escrevo para me desacorrentar da verdade



FALA DE MANUEL RUI

Boa-noite, senhoras e senhores espectadores, complementando o último resumo noticioso vamos passar de imediato para o local do acidente fatídico. E falou o capitão da guarda para o sargento: como é possível! Porque é que a galinha choca? Porque não tinha travões, se tivesse travões não chocava e, além disso, vinha em alta velocidade, meu capitão. Por favor, senhor capitão tem mais alguma coisa a acrescentar sobre o acidente? O capitão impecavelmente fardado e passado a ferro com uma lanterna na mão direita. Sim, resumindo. Duas vítimas fatais do sexo feminino que para desobstruir a via já foram retiradas para uma oficina de automóveis aqui à beira da estrada e as viaturas sinistradas seguiram em reboques, de imediato, para os hospitais da Universidade de Coimbra. A galinha foi levada para autópsia no Instituto de

Medicina Legal. Um momento. E em linguagem gestual. Correcto, confirmado pelo var. É tudo.

Comadre Fefa me desculpe, estive um mês fora no Algarve a fazer comida africana, está na moda. Mal cheguei, hoje mesmo, o meu marido deu-me a notícia e venho aqui apresentar-lhe os meus sentimentos pelo assassinato da galinha atropelada e depois o meu marido falou que atiraram as culpas para cima da desgraçada, vamos fazer mais como então? Felizmente, no meio desta desgraça, um morador aqui do nosso bairro, trabalhando no crematório lá das autópsias copiou o relatório. Obrigada comadre Kimba, vamos para dentro. Auá! E o nosso patrício copiou o relatório, vou buscar. Oiça, síndrome situacional de esquizofrenia própria dos bairros problemáticos. Veja bem. Põem os ciganos a fazer big brother numa antiga cadeia e a nós, fechadinhos em casa somos os problemáticos, vá lá, o nosso amigo salvou da cremação, trouxe a galinha sem cabeça e...

O óbito, mana Fefa? Foi de churrasco com muito jindungo. Pena comadre, já não dava para cabidela que é comida de óbito. Sim, comadre mesmo que viesse o sangue nós somos jeová.

Vejam bem que me esquecia. E a mitra? Eu sou louca por mitra. Sim, aqui entre nós o meu marido fez doação da mitra para um banco de órgãos. Para eles aprenderem que temos sentimentos. Isso mesmo. Mas olhe a minha galinha pode chocar os ovos que é bom reproduzir. Obrigada mas o meu marido, como é mecânico e arranja muitos carros, conseguiu uma cunha e os ovos foram para o procurador do processo da falecida. Para quê, comadre? Para arquivar o processo. Valhame nossa Senhora da Muxima! Bem pensado. Tenho pintos a crescer e vou oferecer duas galinhas. Arranje uma capoeira nas traseiras para chocar à vontade. Chocar mais como comadre? Chocar os ovos não é chocar com a polícia de choque, essa que não tem travões! Aka comadre se eles sou-

bessem como no meio de tanta desgraça ainda gozamos com eles!

A comadre Fefa sabe que agora na televisão é programas para ver comidas e concursos para ver os outros ganharem. Mudo de canal e não sei quê chefes e quantos é só comidas. Parece uma doença, uma guerra contra os programas de dietas. Comida só para comer com os olhos, sei lá sarrabulho com chantili ou picanha com marmelada, deve dar diarreia, não sei se estes programas passam na Venezuela mas eu, pela televisão, faço dieta, como com os olhos, poupamos dinheiro mais o que se guarda de jornais que o clube do meu marido não deixa comprar jornais, ainda bem, é dinheiro para guardar, comadre.

Olhem só minhas conterrâneas. Vocês não existiam. E vão passar a existir por mor destas Correntes Descritas. Eu nunca me desamarrei a nada para escrever. Muito menos da verdade, aliás muitas das verdades de hoje são as mentiras de ontem e as mentiras de hoje são as verdades de amanhã e anda tudo cafuzado nas redes sociais. O importante é que agora vocês estão no meu texto para uma escrita literária, quer dizer, uma mensagem escrita mas com todos os sentidos mais um que pretende ser o da estética, a palavra com a beleza que enaltece a vida. Vejam, uma coisa é eu dizer que as Correntes Descritas são um grande evento literário e outra coisa é dizer que as Correntes são a espuma do azul do sal até para lá do horizonte onde o arco-íris amarra os nossos corações.

Assim, agora, minhas comadres, eu até posso começar a desamarrear a estória que estávamos com ela. Em vez de galinha é um avestruz a pôr um ovo na estrada onde a locutora de televisão fala que vai a passar o autocarro e os adeptos correm atrás do seu grande clube, a jovem comissária da polícia avisa que é um jogo de alto risco, também três comentadores de televisão falam em alto risco, as pessoas são arrumadas em caixas como tropas inimigas, a polícia é liberal e deixa passar bombas, já morreu um espectador com um petardo e outro atropelado de intenção, o imperador Nero mandou um e-mail a oferecer o Coliseu para palco das hostilidades mas minhas amigas, aqui o limite é 12 minutos mas com esta certeza: as Correntes Descritas são a espuma do azul do sal até para lá do horizonte onde o arco-íris amarra os nossos corações.

A Unesco e o legado da escravidão

Para a ocasião do Dia Internacional da Lembrança do Tráfico de Escravos e da sua Abolição, 23 de Agosto, a directora-geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Audrey Azoulay, falou sobre a necessidade de se aprofundar a reflexão sobre a história da escravidão no mundo de forma a combater preconceitos raciais e o racismo quotidiano contra pessoas de origem africana.

"Na noite de 22 para 23 de Agosto de 1791, na região oeste da Ilha de São Domingos, então uma colónia francesa das Índias Ocidentais, ocorreu uma revolta de escravos, a qual seria um ponto de virada na trágica histórica do tráfico de escravos", disse Audrey.

"A guerra que se seguiu atingiu o seu auge em 1804, com a independência daquela parte da ilha, que adoptou o nome de Haiti, e levou ao reconhecimento da igualdade de direitos de todos os seus habitantes. A onda de choque causada por esse evento histórico contribuiu muito, durante o século 19, para o movimento de abolição e para o desmantelamento da escravidão."

Segundo a directora-geral da agência da ONU, a universalidade daquela luta por liberdade e dignidade conduzida pelos escravos de São Domingos levou a UNESCO a estabelecer o Dia Internacional da Lembrança do Tráfico de Escravos e de sua Abolição, assim como a escolher a data simbólica de



23 de Agosto para ser observada.

Desde 1998, a data é uma oportunidade para se aprofundar a reflexão sobre o legado da história da escravidão e a necessidade de explorar sua memória. "O dia também ajuda na protecção contra os preconceitos raciais que foram desenvolvidos para justificar a escravidão e que continuam a alimentar a discriminação e o racismo quotidianos contra pessoas de origem africana", declarou.

Desde 2001, o tráfico e a escravidão são reconhecidos pela comunidade internacional como crimes contra a humanidade. No entanto, esses flagelos

ressurgem em intervalos regulares, de formas diferentes e em lugares diversos. "É por isso que uma melhor compreensão a respeito da história da escravidão e do tráfico de escravos é essencial para um melhor entendimento sobre a emergência de novas formas de escravidão, com o objectivo de impedi-las".

O Projecto A Rota do Escravo, lançado pela UNESCO em 1994, tornou possível a identificação das questões éticas, culturais e sociopolíticas dessa história dolorosa. Com o desenvolvimento de uma abordagem multidisciplinar, que vincula as dimensões his-

tórica, memorial, criativa, educacional e patrimonial, esse projecto tem contribuído para o enriquecimento do conhecimento sobre o tráfico de escravos e para a disseminação de uma cultura de paz.

Neste Dia Internacional, a UNESCO convida todos, incluindo autoridades públicas, sociedade civil, historiadores, pesquisadores e cidadãos comuns, para se mobilizarem a fim de aumentar a consciencialização sobre essa história que nós compartilhamos, assim como para se oporem a todas as formas de escravidão moderna.

Daqui singela confissão

Sinto imenso tédio em volta, nesta terra que me é estranha, nesta urbe que me cansa. Minha vida é uma perversa e compelida desventura. E não é de hodiernidade. Pois, já no matutino abrir de peia e de pisar de pé na treva foi assim. Meu impulso natural só pende para o lado que não paga, que não rende, que não serve. Minha queda não espanta a quem conheça, de ginjeira, este espinhoso itinerário. Para praticar o bem ao cosmo e pô-lo inteiro ao serviço do semelhante, proba e dedicado, ninguém precisa de atormentada e mui tardia lucidez, a custo de tão hediondo sacrifício. Tenho tido um doloroso astralaziago a presidir meus aposentos, que não me deixa ter assento em lado algum. É um infame inglório fado, um eminente discolado, encomendado não sei de onde nem por quem, sempre asqueroso e sempre pronto o tempo todo, com grande esmero e afadigado instinto ruim de esmigalhar e pôr em

baixo a minha indústria.

Aqui, ao longe, me vindo a ter para prender-me: sem garra, sem família, sem parente e sem fôlego de par que seja afeito confidente. Sem a clique dos amigos e vizinhos. Aqui, onde o dia se agiganta volumoso e cheio de espumas na retina, mas que depois tudo se esfuma na incongruência e na insignificância de uma lide adventícia e continuamente estanque. Aqui, onde cada hoje cobre seu ontem com pano o mesmo. O mantocomarcano e judicioso vaticínio. Aqui, onde nada do aspirado desabrocha e ganha toda inovadora. É um abismo que se fecha, com grilhões de enorme estrondo atrás de mim. Eu também cometi erros: fiz de folião na aurora imberbe, precocemente andei na farra e dei-me bem com as galulas e pepitas de ocasião e até algumas desvirguei na mocidade; participei em boémias comezainas e ricamente organizadas em casa do rei-pobreza e da rainha de

Rubicão; bebi grogue e o bebi bué, usei tabaco de toda a marca e malefício (cigarro, charuto, cigarrilha). Ansiei antes do tempo, falei antes do tempo, gozei antes do tempo, morri antes do tempo.

Não me dei conta de imprecação e despautério à hora de me curar. E para armar a tralha toda e pôr-me a jeito de uma trolha, demandei a pompa avulsa de cigarra e todo seu acervo de desídia a meu distrito. E depois: a distância, a solidão, a litigância, a imensidão do até aqui desconhecido e a falta de cotejo do meu chão, de agregado coevo cheiro, embora pobre, são varapaus que me fustigam dia e noite. Aqui, escondido na lonjura de uma imagem que me ficou de meninice, vejo o antanho e vejo a âncora de berço como um sonho, como quem olha para pia e para fonte, na candidez de uma ribeira, com azulada enseada em frente a ter em vista e com a água de batismo sobre a fronte,



DOMINGOS LANDIM DE BARROS*

fresca me escorrendo rosto abaixo, me matando a sede implume, algures na pureza de uma infância perdida no limiar de paraíso. Guardo-a intacta e perene na memória, mas não posso aceder à sua faustosa e diletante galeria, em razão do meu desterro e da ausência de uma via para lá ir. Esbraçojo inda bastante em mar avulso abrenunciado. Moro na praia e na maré que chega tarde ao pé de infante e paulatinamente segue rumo a sítio incerto, para nunca mais voltar. Assim, até o silêncio me sufoca e morde peito, amargamente. Estou de molho e mau humor.

*No couro de Donato de Advento

Os Ambundo do Kwanza-Sul

Delitos, transgressões e penalizações nas aldeias rurais



SOBERANO KANYANGA

A autoridade tradicional é imposta por procedimentos considerados legítimos porque sempre teria existido, e é aceite em nome de uma tradição reconhecida como válida. O exercício da autoridade nos Estados desse tipo é definido por um sistema de status, cujos poderes são determinados, em primeiro lugar, por prescrições concretas da ordem tradicional e, em segundo lugar, pela autoridade de outras pessoas que estão acima de um status particular no sistema hierárquico estabelecido (Max Webber).

Para além dos meus primeiros dez anos de vida passados em aldeias rurais do Lubolu (Libolo) e arredores, tenho-me servido de idas constantes à região que descrevo para "in situ" reviver o "modus vivendi e operandi" destes povos.

As comunidades rurais do Lubolu, Kibala e doutros povos ambundo que habitam o território da província angolana do Kwanza-Sul, apesar de não possuírem uma pauta que tipifique o que são delitos e o que são transgressões, nem tão pouco as penalizações para cada desvio de conduta social, têm um sistema jurídico baseado em mores e hábitos aceites universalmente pela comunidade e que têm o peso de lei.

Ukambula é o termo que, traduzido para português, equivale a cometer delito ou desviar-se socialmente. A autoridade administrativa e a sua corte, no caso o rei/soba é também o garante da legalidade na sua jurisdição, sendo auxiliado na administração da justiça pelo Ñgana Thandela (espécie de ministro da justiça) que é perante a corte o responsável pela aplicação da lei.

O delito maior é o assassinato ou seja a morte de alguém, de forma voluntária, o que pressupõe dizer que o direito à vida é o principal que a sociedade atribui ao homem.

Roubos, furtos, violações, falsos testemunhos, agressões físicas e verbais, incêndios contra propriedades privadas e ou colectivas (como as coutadas) são frequentes, sendo igualmente os desvios às normas sociais mais conhecidos e punidos de acordo ao direito consuetudinário.

Fruto da sua crença no poder dos defuntos e antepassados e sua irreligiosidade (muitos são ainda animistas embora proliferem as novas seitas de orientação cristã) os povos em referência têm uma grande crença no feitiço. Daí que acusações de feiticismo preenchem o dia-a-dia do soberano e das comunidades.

Entre as penalizações constam a simples censura, restituição de bens de terceiros (roubados ou danificados), indemnizações (pecuniárias e em espécie), castigos físicos consentidos, entre outros.

A autoridade do rei/soba é reforçada pelo animismo e pela ideia de feitiço. O rei/soba é tido como o detentor do mais forte feitiço, daí que para além de respeitado é igualmente temido, sendo as suas convocatórias, normalmente de comparência obrigatória. Os povos destas comunidades apesar de professarem algumas crenças religiosas (católica e protestantes) têm uma ligação muito forte a seus ancestrais e



retornos a práticas animistas.

No esforço de conciliação entre o moderno e o tradicional, muitas vezes os reis/sobas encaminham determinados "casos" às autoridades políticas e judiciais, sobretudo casos de homicídios voluntários, evitando-se assim que seja executada a justiça por mãos próprias. As autoridades policiais locais (as mais próximas) têm sido igualmente várias vezes chamadas para dirimir querelas que os soberanos

julgam poder fugir do seu controlo. Outras vezes, são os próprios cidadãos que recorrem ao direito positivo, sempre que julguem ineficazes os julgamentos comunitários.

Suporte:

1 http://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Weber, consulta 05.02.09
2- VINTE E CINCO, Gabriel: Os Kibalas, Núcleo-Publicações Cristãs, Lda. Queluz, 1992

UNESCO: 750 milhões de jovens e adultos no mundo são analfabetos

Em mensagem para o Dia Internacional da Alfabetização, lembrado no 8 de Setembro, a directora-geral da UNESCO, Audrey Azoulay, alertou que 617 milhões de crianças e adolescentes no mundo todo não estão adquirindo habilidades mínimas em leitura, escrita e matemática. Actualmente, já existem 750 milhões de jovens e adultos que não sabem ler nem escrever.

"Essas deficiências seriamente debilitantes levam, na prática, à exclusão da sociedade e perpetuam uma espiral de desigualdades sociais e disparidade de género", afirmou a chefe da agência da ONU.

Azoulay lembrou que dois terços

dos jovens e adultos analfabetos são mulheres. "A alfabetização é o primeiro passo para a liberdade, para a libertação das restrições sociais e económicas. É o pré-requisito para o desenvolvimento, individual e colectivo", acrescentou a dirigente.

Segundo a autoridade máxima da UNESCO, o aprendizado dessas competências básicas também "reduz a pobreza e a desigualdade, promove a prosperidade e ajuda a erradicar problemas de nutrição e de saúde pública".

Apesar de conquistas nas últimas décadas, com um amplo movimento de alfabetização e democratização do ensino, Azoulay avalia que "a perspec-

tiva de um mundo em que cada indivíduo tenha acesso ao conhecimento básico permanece como um ideal". So-ma-se a isso o surgimento de novas tecnologias, que exigem o domínio de outras habilidades.

"A fim de encontrar um lugar na sociedade, conseguir um emprego e responder aos desafios sociais, económicos e ambientais, as habilidades tradicionais de letramento e numeramento não são mais suficientes. Novas habilidades, inclusive em tecnologias de informação e comunicação, estão se tornando cada vez mais necessárias", alertou a chefe da UNESCO.

A dirigente defendeu que, num con-

texto de contínua inovação, oportunidades de capacitação devem estar disponíveis para todos os indivíduos, em todas as fases da vida. Azoulay explicou ainda que a UNESCO apoia várias formas de cooperação entre os sectores público e privado, a fim de garantir a inclusão das pessoas num mundo que se reinventa a cada dia.

"Neste Dia Internacional, convoco todas as partes interessadas no mundo da educação e além, porque esta é uma causa que interessa a todos nós, a mobilizar-se para que o ideal de uma sociedade global totalmente alfabetizada se torne cada vez mais uma realidade", concluiu a directora da agência da ONU.

Ex-ministra da Justiça de França Christiane Taubira acaba de ler "Nzinga de Angola - Rainha Guerreira Africana"



GASPAR MICOLO

A mais recente biografia de Nzinga Mbande, da professora de história e estudos afro-americanos da Universidade de Boston, Estados Unidos da América, Linda Heywood, acaba de ter a sua tradução francesa. A obra foi lançada originalmente em inglês em 2017, e, depois da tradução portuguesa, a versão francesa, que está a ter boas apreciações, mereceu a crítica da ex-ministra da Justiça de França, Christiane Taubira.

Economista de 66 anos, Christiane Taubira escreveu, na edição de 23 a 29 de Agosto da revista francesa *Le Nouvel Observateur* (L'OBS), que "a Rainha Nzinga cruzou o limiar da eternidade" e que "corre os oceanos, continentes, o tempo". Taubira diz ainda que "é tão controversa nos escritos de testemunhas históricas quanto é adulada em narrativas de transmissão oral".

Ministra da Justiça no governo do socialista François Hollande, Christiane Taubira foi, enquanto deputada, a força matriz por trás de uma lei de 21 de Maio de 2001, que reconhece o tráfico atlântico de escravos e a escravidão como um crime contra a humanidade. A antiga governante descreve vários episódios que revelam a bravura da guerreira, mas não deixa de sublinhar que "a rainha Nzinga não é uma santa. É uma mulher de poder, de ruptura, de astúcia e de abusos. (...) A rainha Nzinga tornou-se familiar para mim devido às lendas que, das nossas Américas, revezam méritos e glórias; devido aos curtos ensaios, a obras literárias e artísticas, com destaque para o poema de Agostinho Neto, 'O içar da bandeira'", escreve Christiane Taubira. "(...) Mesmo se o tom é o de uma narração, o que torna a leitura bem agradável, trata-se de um trabalho de história rigoroso, efectuado a uma boa distância crítica".

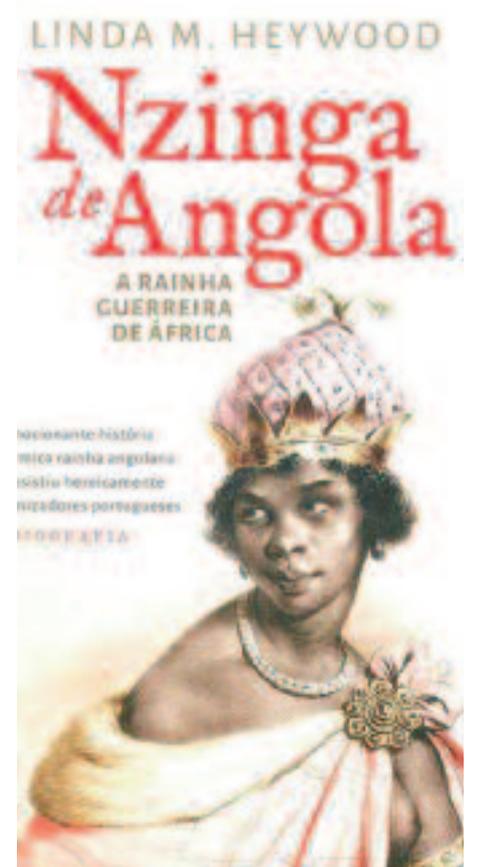
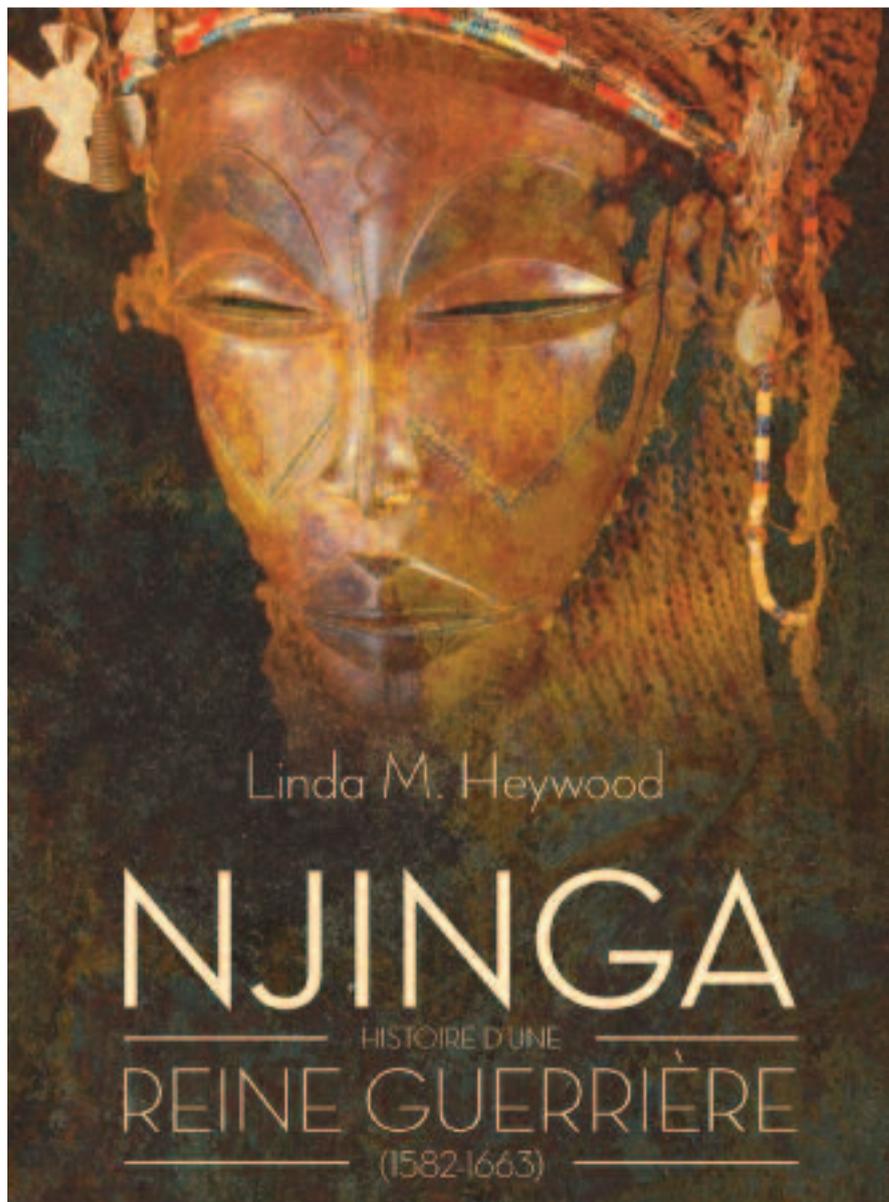
A biografia de Linda Heywood, que oferece o primeiro estudo completo em inglês da longa vida e influência política da Rainha Nzinga, revelando como a chamada "Cleópatra da África Central" navegou habilmente - e finalmente transcendeu - as impiedosas lutas de poder dominadas por homens do seu tempo, mereceu igualmente uma extensa crítica da jornalista francesa Amelie Quentel na revista cultu-

ral "Les Inrockuptibles" (Les Inrocks), sob o título "Por que devemos resgatar Nzinga, Rainha guerreira de Angola e figura da luta contra o colonialismo".

A autora, que diz tratar-se de "uma interessante biografia", reforça a ideia de que se trata de uma oportunidade de "fazer justiça a esta pessoa extraordinária, que tem o seu lugar na história do mundo", numa altura em que "o seu papel é muitas vezes desconhecido ou mesmo apresentado pejorativamente na Europa, enquanto que para os angolanos mas também para os descendentes de escravos africanos, ela é frequentemente considerada uma heroína".

Sobrevivendo a várias tentativas de morte, Nzinga conquistou o Estado vizinho da Matamba e governou como rainha de Ndongo-Matamba. No auge do seu reinado, na década de 1640, Nzinga governava quase um quarto do norte de Angola nos dias de hoje. Perto do fim da sua vida, cansada da guerra, fez as pazes com Portugal e converteu-se ao cristianismo, embora a sua devoção à nova fé fosse questionada. "É com uma miríade de detalhes e uma preocupação constante com a contextualização que Linda M. Heywood nos dá para ver essa «mulher livre, rainha corajosa e orgulhosa que defendeu ardentemente sua posição e sua africanidade»", escreve Amelie Quentel.

Durante nove anos, a professora de história da Universidade de Boston recolheu toda a informação que encontrou em Nzinga, ardente defensora do seu reino contra o invasor português e símbolo da "resistência ao colonialismo".



Aretha Franklin

Morreu a rainha do Soul

Figura importante na cena musical internacional há mais de sessenta anos, a lendária artista Aretha Franklin morreu a 16 de Agosto passado com 76 anos.

Durante a sua carreira de 62 anos, a "Rainha do Soul" produziu dezenas de títulos entre os 50 melhores e ganhou 18 prémios Grammy. Um ícone do Soul da década de 1960 até hoje, Aretha Franklin ajudou a popularizar a música afro-americana como poucos artistas antes dela, sem nunca esquecer de onde veio.

A mais jovem de quatro filhos, Aretha Louise Franklin nasceu em 25 de Março de 1942 em Detroit. Criada no mais estrito respeito pelos valores cristãos por um pai pastor, ela se aproxima dele depois da morte de sua mãe, quando tem apenas 10 anos de idade. Acompanhada por suas irmãs, Erma e Carolyn, a jovem Aretha viaja pelos Estados Unidos com o pai e se apresenta antes de cada um de seus sermões. Ela tem apenas 12 anos de idade.

“RESPEITO”

Dois anos depois, em 1956, ela grava o seu primeiro registo de Gospel. Não contente por ficar confinada a canções religiosas, ela logo se familiarizou com John Hammond, que a convenceu a assinar na Columbia Records. Alguns fiéis do seu pai fulminam: como ele deixa sua filha interpretar canções seculares?

O Pastor Franklin não tem nada a dizer. Amigo próximo de muitos bluesmen, apoia a filha e a empurra para gravar mais. Seis anos e nove discos depois, o sucesso ainda não vem à tona. Não importa, Aretha se junta à Atlantic Records e confia no produtor Jerry Wexler para lançar a sua carreira. "Columbia era branca demais para capturar o génio de Aretha", disse Hammond mais tarde.

Menos de um ano depois de deixar a primeira gravadora, Aretha Franklin acertou no jackpot em 1967. Ela só tem uma palavra: "Respeito". Gravado dois anos antes por Otis Redding, este fogo igualitário está agora adornado na voz de Aretha, uma feminilidade feroz. Não demorou menos para subir ao topo das paradas. Coroada "Rainha do Soul" Franklin conquistou não só o R & B, mas também incluiu o top 10 das paradas pop, um luxo geralmente

reservado principalmente para artistas brancos. Dois meses depois de fazer um tributo final ao seu amigo Martin Luther King Jr, a cantora foi capa da *Time*, num artigo sugerindo relação difícil com seu marido e produtor, Ted White. Aretha teria de processar a revista por difamação, antes de procurar o divórcio. Se a sua carreira conheceu um momento de tumulto, Franklin ainda conhece mais sucesso no início dos anos 70, em parte devido a um álbum ao vivo intitulado *Amazing Grace* e inteiramente dedicado ao seu primeiro amor – o Evangelho.

NOVO COMEÇO NOS ANOS 80

Oito anos mais tarde, em 1980, Aretha Franklin paira novamente sob os holofotes depois de John Landis sugerir que ela se juntasse a Ray Charles no elenco do futuro filme *The Blues Brothers*. O seu desempenho é absolutamente deslumbrante.

Determinada a ter a sua carreira sob controlo, a cantora deixou a Atlantic para a empresa de Clive Davis, começando com "As irmãs fazem isso por si mesmas". Título eléctrico combinando perfeitamente as influências tradicionais de Aretha Franklin e a modernidade do grupo de Annie Lennox, que vai ajudar a fazer o álbum nº 33 da "Rainha do Soul", no seu primeiro estúdio de gravação. Em 1987, Keith Richards introduz o Rock & Roll Hall of Fame, fazendo dela a primeira artista feminina a receber esta honra.

Embora não registre mais títulos pendentes, os tributos se multiplicam. A Academia Nacional de Artes e Ciências dos Estados Unidos concedeu-lhe o Legend Award em 1991 e o Prémio Lifetime Achievement em 1994.

Onze anos depois, o presidente George W. Bush concedeu-lhe a maior honra que um cidadão americano pode receber: a Medalha da Liberdade. Ícone nacional, manteve ligações estreitas com vários presi-

dentados dos EUA, participou das cerimónias de posse de Jimmy Carter e Bill Clinton, antes de interpretar duas canções em homenagem a Barack Obama a 20 de Janeiro de 2009.

Maio de 2013. Aretha Franklin cancela a sua visita ao Festival de Jazz de Montreal, poucas semanas antes do início das festividades. À beira da exaustão, os seus médicos aconselham a cantora a parar para repousar. Depois de encerrar a sua turnê em 2016, cancelou novos shows no ano passado, antes de se despedir do palco

em 2 de Novembro de 2017, durante uma festa de caridade oferecida por Sir Elton John. Ela será lançada mais tarde na *Brand New Me*, onde reinterpreta os seus maiores sucessos com a London Philharmonic Orchestra.

Esposa, mãe, cantora, pianista, atriz, activista e finalmente modelo para milhares de mulheres ao redor do mundo, Aretha Louise Franklin teve tantas vidas quanto tinha voz. Mais do que uma talentosa artista, ela incorporou em si mesma não apenas alma, mas um eterno espírito de independência.



Estranho de mim mesmo



ANTÓNIO QUINO

Após décadas vagueando por aí, cheguei no meu velho bairro para me visitar. Estacionei-me na ombreira da porta do prédio com um ar de príncipe triunfador.

Gesticulando ruidosamente os braços para deixar o ar conquistar os pulmões em liberdade, tomei conta da porta sob o olhar de alguns curiosos. O ar entrava.

Com o mapa antropológico do meu velho bairro ardendo na minha cabeça, olhei demoradamente aquele ambiente arrebatador e o meu coração rendeu-se numa surda oração de comoção fixa no meu imo. De imediato, invadiu-me uma desmedida e inexplicável saudade da minha infância. Apeteceu-me beijar o chão. Mas não o fiz. Poderiam os curiosos confundir-me com algum demente. Só foi por isso que evitei. Porque, naquele chão...! Quantos meus heróis o terão honrado? Quantos meus vilões o terão violado? Quanto, desuor e sangue, aquele chão não terá tragado? E, então, os muitos romances que testemunhou?!

Suspirando com prazer, aquela brisa me pareceu muito familiar. No fedor e no odor. O cheiro do meu velho bairro tinha o sabor de vida. Sabia à vida. Sábia vida!

Naqueles infinitos instantes, partículas inteiras de nostalgia afagavam os pulmões das minhas vistas, respirando suspiros e lamentos da alma. Cada rua. Cada morador. Cada calçada. Cada buraco. Cada muro. Cada janela. Cada persiana. Cada árvore. Encantos que em tudo me cegavam.

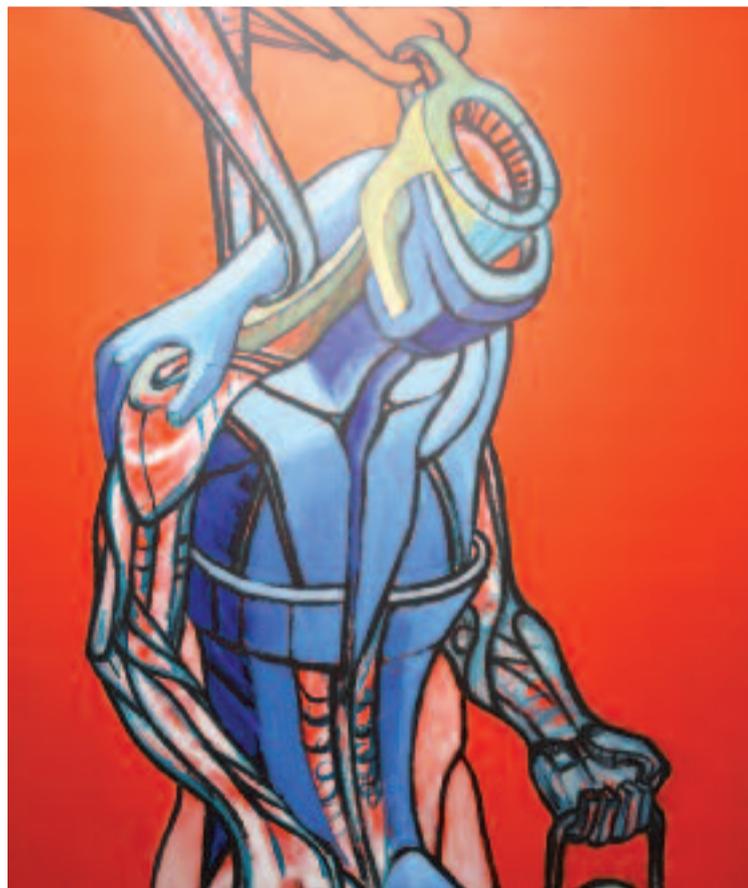
As lágrimas acariciavam a vontade e resguardavam-se nos freios da felicidade que ali vivi. E então se cristalizavam na dor da saudade daqueles que já cá não mais estão. Que hoje são astros no céu egoisticamente retardando a nossa indesejada partida.

Viajando no tempo, vejo amigos correrem de calções em sofrimento e colando planta dos pés nosolo, empurrando jantes ou pneus, brincadeiras sem ordem, cuja regra respeitava a irmandade entranhada de casa em casa, de muro em muro, de passeio em passeio; carros no asfalto circulando na urbanidade da vida em infância, mas sem se atreverem a atropelar o mundo que só a meninice sabe edificar. Brincando na areia, brincando com areia.

Tudovagueando na minha saudosa memória, porque as ruas, modificadas pelo tempo e pelos homens, já não tinham a mesma simbologia, das folganças, das acaloradas discussões entre amigos, dos dias de aulas, dos futebóis, das jornadas desportivas

sem mesura temporal. Enfim, só recordações de tudo que caracterizou os incontáveis e inesquecíveis anos ali vividos, no meu velho bairro.

Lembrei-me dos aliados, entre amigos e adversários dos tempestivos instantes de infância. Já ali não estavam mais. Muitos teriam viajado para a eternidade. Outros deveriam estar ainda num limbo qualquer. Outros na bonança. Outros sobrevivem-



Quadro de Paulo Kusy

do. Mas, ali nenhum. Amigos e adversários que me fazem falta.

Da ombreira da porta do prédio, os meus olhos passeavam pelo horizonte do bairro, muito movimentado, de gente circulando. Carros barulhando no desrespeito do tal pardal que enamorava a louca pardaloca num fadado galho diabolicamente engravidado por velhas folhas maçadas. Meninos brincavam, adolescentes iam a escola. Adolescentes saíam da escola. Jovens musculados dialogavam em tons musculados. No entanto, eu não via ninguém. Apenas sentia o silêncio. Sem os meus amigos e adversários, que seguiram outros mundos.

Continuei parado na ombreira da porta do prédio, contemplando os transeuntes. Estátua permaneci. Olhando. Vendendo. Recordando. Recordando décadas para saborear dias vividos naquele chão. As quedas. Os golos marcados. Os golos sofridos. As fintas caçumbuladas. As paixões mal declaradas. Os amores mal curados.

Os ódios mal tragados. As virgindades arrastadas. As vigarices incompreendidas. As discotecas. Os dancing's. Os discotequeiros. Os recolheres obrigatórios. As rusgas. E as saudades dos momentos não vividos.

O tempo tinha sido um aliado velho das memórias reencarnadas naquele reencontro com o prédio da fama, que fez de mim o produto do presente. Diria mesmo: sou o que sou graças

mais lá. Teria curado? Sobrepuseram-se-lhe outras fendas?

Nas paredes do prédio, no rés-do-chão, havia eu deixado as marcas da minha meninice, do punho girando o pincel para escrever o meu nome com tinta preta sobre o creme do muro. Do punho girando o avô abacate para marcar a gigante alcunha no alto da parede. Todos conheciam aquela marca. Aquele nome. A pessoa do nome. A pessoa da marca.

Horas a fio de pé, deixando o passado correr pelas veias com o oxigénio da vida. Como estátua a porta do prédio vi chegar e sair os meninos. Em grupo, conversavam. Sorriam alegres passando por mim. E não me conheciam.

Do prédio, alguns moradores desciam e subiam, na pose de condómino que paga renda. Com a etiqueta de quem contribui para a manutenção do prédio. E não me conheciam.

Triste, vi os moradores passando por mim, e não me conheciam.

Triste, reparei nas paredes do prédio, com outros nomes agigantando-se sobre a minha defunta marca. Até a árvore, inerte, que parecia conhecer os movimentos criança dos meus passos, me ignorou redondamente.

Cumprimentavam-se: vizinho praque e vizinho prali. O pai está bom? A mãe está lá? E para mim veio um bom dia, meu senhor!

Eu olhando aquilo como se num mastro superior me encontrasse sem poder intervir naquele mundo fugidio, que eu queria que fosse ainda meu. Queria também me apresentar. Falar que a minha fama está nos anais daquele prédio. Daquele bairro. Impossível não me conhecerem. Entretanto, continuavam a passar por mim, olhando-me como a um estranho. Será que alguém estaria a perguntar quem eu seria?

Permaneci parado. No umbral da porta do prédio. Porta que tantas vezes viu chegar e partir, partir e chegar os meus. Pai. Mãe. Irmã. Irmão. Amigos. Colegas. A porta observando. Comendo com os olhos cada detalhe daquele paraíso preservado no horizonte da minha memória.

Convidando toda essa real realidade do meu velho bairro, cheguei a verdade dura: De estranho eu não passava. E, nesse tempo das desconfianças, já teriam mandado trancar as portas e janelas nos apartamentos do prédio, porque naquele exacto momento, no meu velho bairro; no prédio que me viu nascer e crescer, eu era um completo suspeito. Um estranho!

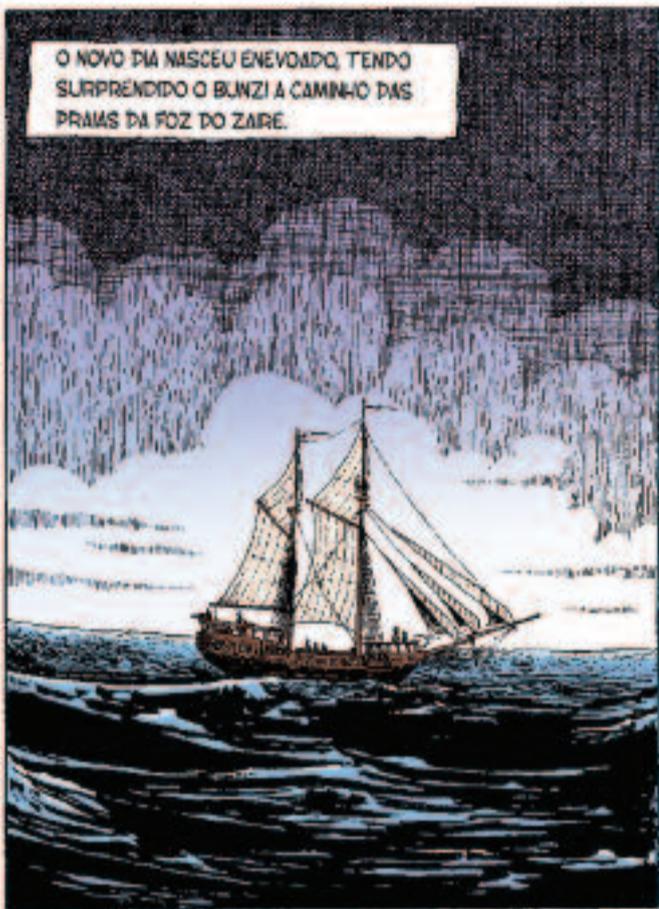
Enfim, senti-me um desconhecido; um estranho de mim mesmo.

MASALA, O LEOPARDO

Nº 18

Por: Lito Silva

O CANTO DE LUSUNZI



O NOVO DIA NASCEU ENVOADO, TENDO SURPRENDIDO O BUNZI A CAMINHO DAS PRAIAS DA FOZ DO ZAIRE.



TENÇONO DESEMBARCA-VOS LOGO QUE ANCORARMOS NA BAHIA DE MOLEMBO!

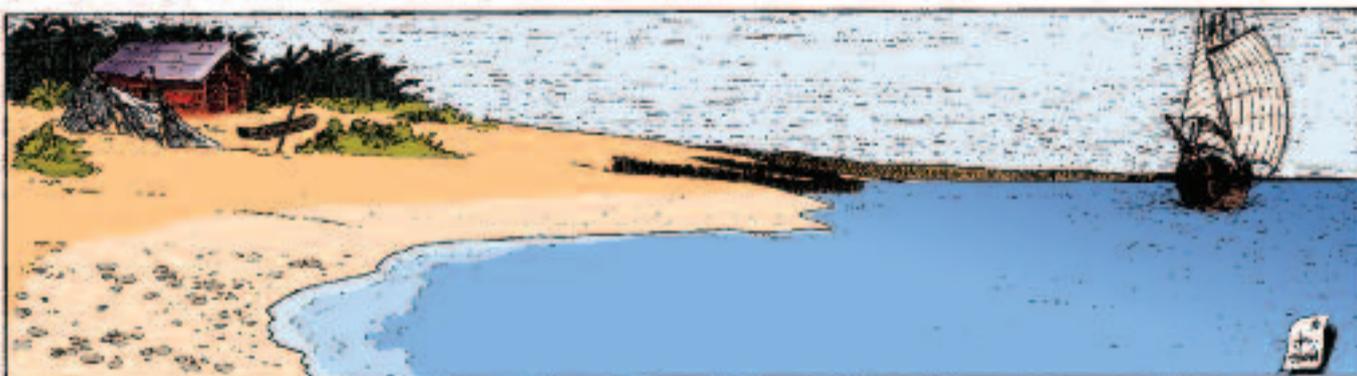


MMH! ISSO SIM, É UMA BOA NÓTICIA! TAMBÉM TENHO ALGO A COMUNICAR-TE, EU NÃO TENÇONO SER DESEMBARCADO!



TU ÉS LIVRE, PORTANTO FARÁS O QUE QUIBERES, PORÉM, FICANDO CONNOSCO LOGICAMENTE ESTÁS ADERINDO A NOSSA CAUSA CERTO?

SEMPRE ADERI ÀS LUTAS PELA JUSTIÇA E LIBERDADE!



CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

CURSO DE BANDA DESENHADA
INSCRIÇÕES ABERTAS
NA CASA DAS ARTES



HORÁRIO DA SECRETARIA
Das 10h às 18h, de segunda a sábado
Morada Talatona Via 5



contacto
(+244) 996660065
casadasartesluanda
info@casadasartesluanda.com

Curso intensivo semestral
Coordenação Pedagógica

Senna Comics



CASA DAS ARTES